



**Dossiê: Experiências instituintes de pesquisa e formação docente:
diálogos latino-americanos**

**Narrativas Pedagógicas como movimentos instituintes na Formação docente
em rede**

Narrativas pedagógicas como movimientos instituyentes en la formación docente en red

Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Salvador - Brasil

Leandro Gileno Militão Nascimento

Secretaria Municipal de Educação de Salvador- SMED

Salvador - Brasil

Maria Helena da Silva Reis Santos

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Salvador- Brasil

Resumo

Este estudo tem por objetivo compreender como as narrativas pedagógicas contribuem para produção de saberes pedagógicos instituintes na formação docente em rede. Para isso, partimos da pesquisa narrativa (auto)biográfica construída no diálogo entre escola e universidade com base nas experiências construídas pelo Coletivo Baiano de Docentes Narradores/as (CBDN), vinculado ao Grupo de Pesquisa DIVERSO. O estudo utiliza os referenciais onto-epistemo-metodológicos da Documentação Narrativa de Experiências, fundamentada na produção da Obra Pedagógica, em um processo cooperativo e dialógico. Os resultados apontam que o coletivo baiano utiliza as narrativas como *espaçotempo* de produção de outras pedagogias que os convocam a pensar sobre a confluências de saberes e a construção de coletividades no processo de formação docente, como parte dos movimentos instituintes construídos cotidianamente na escola.

Palavras-chave: Formação docente em rede; Documentação narrativa de experiências pedagógicas; saberes pedagógicos instituintes

Resumen

El objetivo de este estudio es comprender cómo las narrativas pedagógicas contribuyen a la producción de conocimientos pedagógicos instituyentes en la formación docente en red. Para ello, partimos de la investigación narrativa (auto)biográfica construida en el diálogo entre la escuela y la universidad, basada en las experiencias construidas por el Colectivo Baiano de Docentes Narradores/as (CBDN), vinculado al Grupo de Investigación DIVERSO. El estudio utiliza los referentes ontológicos, epistemológicos y metodológicos de la Documentación Narrativa de Experiencias, basada en la producción de la Obra Pedagógica, en un proceso cooperativo y dialógico. Los resultados indican que el colectivo bahiano utiliza las narrativas como espacio-tiempo de producción de otras pedagogías que los invitan a pensar sobre la confluencia de conocimientos y la construcción de colectividades en el proceso de formación docente, como parte de los movimientos instituyentes construidos cotidianamente en la escuela.

Palabras clave: Formación docente en red; Documentación narrativa de experiencias pedagógicas; saberes pedagógicos instituyentes.

Introdução

Este estudo nasceu do movimento de pesquisa-formação construído entre escola e universidade, pelo Grupo de Pesquisa DIVERSO - Docência, Narrativas e Diversidade na Educação Básica, cujo compromisso onto-epistemo-político baseia-se na relação entre práticas instituídas e instituintes construídas no processo de formação docente oriunda do cotidiano escolar. Diante disso, buscamos discutir os movimentos de pesquisar, narrar, documentar e fazer circular experiências pedagógicas instituintes/insurgentes em redes e coletivos de docentes.

Como nos fala Linhares (2007), pesquisar práticas e experiências pedagógicas significa estabelecer interfaces entre o coletivo, a humanidade e a história de vida. É nesse contexto de interconexão para além do currículo formal que entendemos os movimentos instituintes/insurgentes na formação docente em rede que vem desafiando as estruturas neoliberais, a padronização dos programas educacionais, e buscam promover uma educação mais autônoma, crítica e transformadora.

Nesse contexto, instituinte refere-se à capacidade de criar e transformar as instituições, são as práticas autorais que não dependem de um currículo formal para que elas aconteçam. Insurgentes pela capacidade de criação, das vivências na escola, com os(as) estudantes, pelas trocas de experiências entre os pares, em um trabalho hermenêutico que podem modificar e contribuir para uma outra escola, diversa, inclusiva, que supera a dominação político-pedagógico dos programas prontos e instrucionais. Por outro lado, o instituído representa o que já está estabelecido, as regras e normas vigentes. Existe uma relação entre ambos. O instituinte desafia e transforma o instituído, e o instituído fornecendo a base para novas ações.

Entre os movimentos instituintes e instituídos, situamos a formação docente em rede, entendida como um processo construído em uma perspectiva horizontalizada de produção de saberes e experiências, buscando outras formas de co(n)formar professores(as) e pesquisadores(as) em uma ação cotidiana de contracolonização (Nêgo Bispo, 2023). Nessa perspectiva, esses processos tomam como princípios formativos a horizontalidade, a alteridade, a dialogicidade, a inclusão, a autoria e a ancestralidade.

Este estudo trata de uma *pesquisa-formação* sobre formação de professores(as) desenvolvida no cotidiano das escolas municipais de Salvador, a partir das narrativas de

experiências pedagógicas construídas pelo Coletivo Baiano de Docentes Narradores/asⁱ em co(n)formação com a Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Apresentaremos neste artigo recortes dessa pesquisa, em diálogo com as experiências em fluxos instituintes que aconteceram narrativamente entre escola e universidade. Tomaremos a Obra Pedagógica (Suárez, 2021) como produção narrativa de insurgências construída nos movimentos instituintes da formação com professores e professoras do Ensino Fundamental, anos iniciais.

O artigo organiza-se em três seções. A primeira aponta os caminhos percorridos pelo grupo de pesquisa junto ao coletivo baiano de docentes narradores(as) na constituição do *pesquisaformação*. Na seção seguinte, discutimos as Experiências em fluxos instituintes: entre escola e universidade que vêm ganhando lugar e visibilidade como saberes nas Obras Pedagógicas. Na terceira seção apresentamos a *Obra pedagógica* como processo de co(n)formação construída com/na coletividade, constituindo uma produção instituinte na construção de autorias docentes.

Caminhos narrativos da *pesquisaformação*ⁱⁱ

O Grupo de Pesquisa DIVERSO, vinculado a Universidade do Estado da Bahia-UNEB, vem desenvolvendo ao longo de mais de uma década um trabalho de coformação e conformação de coletivos de docentes, a partir da *pesquisaformação*, que leva adiante processos de narrar, indagar e circular experiências pedagógicas ocorridas no cotidiano das escolas municipais de Salvador.

Para desenvolver o trabalho com o coletivo de docentes, utilizamos o dispositivo epistemo-político-metodológico da Documentação, Narrativa de Experiência Pedagógica, que tem como uma das intenções a reconstrução do saber pedagógico, mediante a escrita, a leitura e a reflexão crítica e pedagógica dos relatos de experiência, pelos(as) próprios(as) docentes narradores(as), com enfoque e modalidade de indagação pedagógica dos mundos educativos (Suárez; Argñani; Dávila, 2014). Para tanto, o trabalho da *pesquisaformação* pautou-se na horizontalidade, no diálogo entre pares, na alteridade, na inclusão, na solidariedade, na autoria (Suárez, 2017) e na ancestralidade (Rios, 2020).

Dedicamo-nos a desenvolver a formação em rede com o Coletivo Baiano de docentes narradores(as), contraposta à hierarquização e hegemonia do poder, do saber e do ser no plano da formação. Coletivo e rede docentes, aqui, tem sentido de “formas descentradas e horizontais de organização e possibilidades” de constituir-se *espaçotempo* propício para

discussão e reflexão crítica em torno da produção de saberes (Argnani, 2014). O Coletivo Baiano de Docentes Narradores(as) teve como inspiração fundadora os trabalhos oriundos na Argentina a partir do movimento pedagógico nacional construído a partir dos anos 2000 que foi mobilizado pelas lutas pedagógicas/sociais latino-americanas e que resultam em experiências pedagógicas libertadoras. Especificamente, a formação desse coletivo baseou-se nas experiências desenvolvidas pela *Red de Formación Docente y Narrativas Pedagógicas*, uma vez que nos articulamos com a proposta da rede em indagar a formação docente a partir da escola, utilizando-se da narrativa como elemento de reposicionamento do/a docente como autor/a do campo educativo, considerando os relatos pedagógicos como “obra de saber público” (Suárez, Dávila, 2021).

Assim, este coletivo de docentes foi convidado a assumir, na *pesquisa formação*, um tríplice lugar: narrador(a) protagonista, investigador(a) e autor(a) da própria experiência, da formação e do saber pedagógico. O propósito é problematizar e refletir com criticidade sobre as experiências relatadas, documentando-as para fazer circular saberes e práticas pedagógicas insubmissas, produzidas em contextos particulares e com temáticas variadas, que tensionam e reinventam o lugar subordinado de docentes, ao mesmo tempo em que mobilizam currículos e práticas de formação instituintes.

Nesse sentido, dialogamos com Rios e Nascimento (2022) quando assinalam como o Coletivo Baiano pensa a formação docente:

O pressuposto formativo consiste em que os(as) professores(as) produzam seus relatos de experiência pedagógica e (com)partilhem as experiências, os saberes, as ressignificações em mesas de trabalho coletivas, entre pares. Daí, esta comunidade interpretativa mobiliza-se para as traduções culturais produzidas no processo de coconhecimento gerado com/na formação (Rios, Nascimento, 2022, p. 96).

Esse movimento vivo e intenso que se faz presente no coletivo docente, com suas experiências, propõe a (re)construção dos saberes pedagógicos, tendo como referência os conhecimentos construídos na escola. Ao viver a auto/co/conformação embalada pela produção de relatos pedagógicos, as conversas entre pares, os(as) docentes mobilizam um saber coletivo entrecruzado por diversas formas de habitar a formação.

Operamos, portanto, com uma possibilidade de formação docente instituinte que viabiliza o trabalho de coletividade e da horizontalidade entre docentes, considerando experiências, idiossincrasias, singularidades. Abriram nessa laboração, fissuras no processo de construção e circulação de saberes e de experiências, tensionando a insubmissão aos

padrões de formação verticalizada e meramente tecnicista, bem como às práticas neoliberais, tendo em vista a produção de conhecimentos, a valorização e o reconhecimento de saberes, fazeres, pensares, sentires e de ações instituintes, criadas e recriadas, narrativamente nos diálogos entre pares.

Nesse contexto, a narrativa ganha potencial de *autoconformação* porque permite criar e recriar relações discursivas e dialógicas com os saberes insurgentes, a partir da experiência construída pelo(as) docente na escola e no CBDN. Além de se constituir como forma dialógica entre investigadores(as) e participantes para a produção do conhecimento. Dessa forma, entendemos que “pensar narrativamente nas fronteiras entre a narrativa e outras formas de pesquisa é, talvez, a única e mais importante característica do pensamento narrativo bem-sucedido” (Clandinin; Connelly, 2015, p. 57). As contribuições de Moraes (2023) apontam para a importância do narrar, da sua compreensão e interpretação. Um conjunto de uma filosofia reflexiva do sujeito que narra.

Reflito que os processos de compreensão e interpretação do narrado operam uma transformação que situa o narrador, o contexto e a situação vivenciada pela experiência capaz de dar legitimidade a um acontecimento e a construção de saberes e conhecimentos que, anterior à atividade de narrar, poderiam não existir. É uma trama operada pela linguagem no conjunto de uma filosofia reflexiva do sujeito (Moraes, 2023, p. 37).

É nesse movimento que os(as) docentes do CBDN, ao acolher as experiências, refleti-las e questioná-las, conduz a pensar sobre o vivido e aprendem com elas. Nesse processo, pratica-se uma reflexividade que é constituída pela linguagem em acontecimentos que os moveram, afetaram, tocaram e produziram transformações. O movimento implicado no narrar convoca e mobiliza o coletivo de docentes em rede para pensar em temporalidade espiralar e de perseguir no processo de produção da autoria docente, no qual se entrelaça o individual e o social em um movimento recursivo de escrita, leitura, reflexão e indagação narrativa pedagógica.

Entre narrativas, estudos, discussões em pares, as experiências do coletivo baiano de docentes narradores(as) foram documentadas em um movimento formativo construído desde 2015 como resultado de cursos de formação de docentes do ensino fundamental da rede municipal de Salvador e alguns municípios baianos. Até hoje realizamos o trabalho com oito grupos de docentes da Educação Básica que resultou na publicação da Coleção Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas, que traremos abaixo como um

movimento instituinte de relato narrativo da experiência gerada nesse processo, tomando-a a partir do conceito de Obra Pedagógica (Suárez, 2021).

Experiências em fluxos instituintes: entre escola e universidade

As experiências constituídas na cotidianidade da escola pública municipal de Salvador, desenvolvidas pelos(as) professores(as) da Educação Básica do CBDN, vêm ganhando lugar e visibilidade como saberes pedagógicos na Obra Pedagógica - Coletânea Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas - posta em circulação pública, a partir do trabalho de *pesquisaformação* que temos realizado no Grupo de pesquisa DIVERSO.

A experiência, concebida como fundante para o trabalho com a narrativa e como conceito central da *pesquisaformação*, é compreendida como um acontecimento que se produz de forma singula e como modo de abertura ao vivido, ao saber com, à produção das diferenças, da heterogeneidade e das rupturas com as racionalidades técnicas e colonizadoras, convocando os sujeitos da experiência à (trans)formação (Rios, 2022, p. 27). Partindo dessa compreensão e da relação entre experiência e sentidos, as narrativas de experiências pedagógicas traduzem, nos trabalhos de pesquisa realizados com o CBDN, um potente modo de (re)existência e de habitar a profissão docente, nos movimentos de aproximação e de realização da proposta de formação em rede com coletivos de docentes através da Documentação Narrativa de Experiência Pedagógica. Esse dispositivo epistemo-político-metodológico tem nos inspirado e mobilizado para outra geopolítica do conhecimento, reposicionando professores(as) e pesquisadores(as) no processo de construção de saber pedagógico.

As narrativas de experiências do CBDN têm nos revelado modos de resistir e existir inscritos em corpos que territorializam a profissão docente em exercício na escola básica. Por meio das narrativas, as artesanias das práticas se anunciam, traduzem e visibilizam pedagogias outras, insurgentes, seja pela capacidade de criação na luta por uma outra escola diversa e incluyente, que supere a dominação epistemo-político-pedagógico e as padronizações estabelecidas pelos programas de formação e políticas públicas instrucionais, seja nas relações que se estabelecem na vivência escolar com os(as) estudantes, nas trocas de experiências entre os pares.

Na narrativa de experiência pedagógica imprime-se um sentido situado, pessoal e profissional, do pensar, sentir, fazer e atuar docente, dando-nos a conhecer parte da vida

profissional e dos saberes escolares e pedagógicos (Suárez, 2017). Contudo, por vezes, as práticas e os saberes docentes produzidos na escola são silenciados, neutralizados, desqualificados. Neste sentido, narrar, documentar e fazer circular publicamente os relatos de experiências pedagógicas produzidos e significados pelos(as) próprios(as) docentes, sendo estes reconhecidos e valorizados coletiva e colaborativamente entre pares, em movimento de *pesquisaformação* com o CBDN, se traduz em um modo insurgente de subverter o currículo instituído.

O Grupo DIVERSO realizou a curadoria dos relatos pedagógicos produzidos nos trabalhos da *pesquisaformação*, organizando-os em nove volumes da Coleção Documentação de Experiências Pedagógicas. A referida Coleção comporta um conjunto de intervenções epistemo-didático-pedagógicas que denuncia supressão e apagamentos de saberes, ao mesmo tempo que anuncia experiências resistentes à hegemonia colonial. Tais experiências, traduzidas em narrativas de (re)existências, ganham lugar e sentido pedagógico e político, resultante de uma modalidade de produção de saber insurgente realizada através de leitura e reflexão de documentos pedagógicos produzidos por docentes autores(as) que participaram da *pesquisaformação*. Em diálogo com Suárez (2022, p. 15-17):

[...] una política de enunciación de la identidad docente y de la construcción de una poética pedagógica para la toma de la palabra, la entonación de la voz y la revitalización del lenguaje y la praxis pedagógica. Es decir, la elaboración colectiva, en red, de un arte, una sabiduría, una reflexión y una deliberación alrededor de la posibilidad y la potencia de crear obras pedagógicas (relatos de experiencia y otras ficciones narrativas) bellas, intrigantes, metafóricas, inquietantes e insumisas, que cuenten, documenten y dispongan públicamente los saberes, experiencias y discursos de sujetos pedagógicos emergentes en el campo educativo(...) Una poética para la composición narrativa de obras pedagógicas construida a partir y al ras de esta experimentación metodológica y política situada y descentrada de las redes de colaboración puede ofrecer pistas y caminos para que la voz, las palabras y las historias de lxs docentes emerjan del silencio o la desconsideración, se tornem públicas y participen afirmativamente en el debate sobre la educación.

Os(as) docentes envolvidos/as na *pesquisaformação* foram mobilizados(as) para construir e recriar as experiências, ressignificando-as nos movimentos espiralados de escrita, leitura, reflexão e conversa entre pares, em prol da circulação do saber pedagógico, da valorização da autoria e do protagonismo docente. Deste modo, “o lugar da autoria na construção do protagonismo docente se reflète como força insurgente na formação. Ou seja, nas (re)existências ao invés de terem autores, são autores” (Rios, 2022, p. 36), desde outra

perspectiva decolonial que, articulado entre escola e universidade, segue em fluxo instituinte, subvertendo estratégias hegemônicas de se, poder e saber.

A obra pedagógica como processo de co(n)formação

A obra pedagógica é um conjunto de atividades, reflexões e produções que são desenvolvidas em torno da sua atuação docente, relacionadas com a prática em sala de aula, com elaboração de materiais didáticos, à formação de professores/as e com outras áreas relacionadas à educação. A obra traduz um conjunto de ações e reflexões que visa publicizar o que está acontecendo nas salas de aulas, nas escolas, nos quilombos, terreiros, com o objetivo de validar saberes pedagógicos mobilizados no cotidiano escolar. Constitui-se como uma estratégia de formação e de desenvolvimento profissional, buscando contribuir para as políticas públicas educacionais. Conforme Rios (2023, p.6):

A obra é uma (com)posição de histórias do cotidiano escolar que mesclam condições de linguagem e, sobretudo, de experiências. A trama que compõe a obra pedagógica é composta das micro-histórias, ou seja, dos pequenos grandes relatos pedagógicos que traduzem uma bioestética do cotidiano escolar. Há nessa obra uma outra gramática que institui uma semiótica escolar que extrapola o instituído nos currículos e no sistema escolar.

Apresentamos a Obra pedagógica construída com/na coletividade, resultado do trabalho de *pesquisaformação* desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa DIVERSO. Nessa obra, apresentamos as bases epistemopolíticas e os movimentos formativos realizados na Bahia/Brasil. A Obra está organizada em uma Coletânea com nove volumes, conforme descrição abaixo:

Quadro 1 - Coletânea Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas

| Ano | Participantes | Título | Vol. | Resumo | Org. |
|------|---|---|------|--|--|
| 2018 | Pesquisadores/as do Grupo DIVERSO | Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas: por outros movimentos insubmisso da formação docente na Educação Básica. | 1 | Trata-se de um obra composta por seis capítulos, que apresenta e dialoga a Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas e suas contribuições para o campo da formação docente no Brasil. | Jane Adriana Vasconcelos P. Rios |
| 2018 | Pesquisadores/as do Grupo DIVERSO | O que narram os/as pesquisadores/as e estudantes de Pós-graduação do DIVERSO? Experiências Pedagógicas da Profissão. | 2 | O livro apresenta os relatos de experiências pedagógicas construídas por professores/as e pesquisadores/as do Grupo de Pesquisa Docência e Diversidade na Educação Básica (DIVERSO). | Adelson Dias de Oliveira, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios |
| 2018 | Coordenadores/as pedagógicos/as da rede Municipal de Salvador | O que narram os/as professores/as? Experiências pedagógicas dos/das coordenadores/as. | 3 | Este livro apresenta cartografias narrativas de/com/sobre professores/as coordenadores/as em diferentes desenhos de pesquisas, tempos, espaços e identidades. Compartilham uma pluralidade de experiências que reinterpretem o mundo escolar e seus protagonistas. | Adelson Dias de Oliveira, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios |
| 2019 | Professores/as do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana - DEDU/UEFS | O que narram professores/as do DEDU/UEFS? Experiências Pedagógicas da Docência Universitária na relação Universidade e Educação Básica. | 4 | Nesta obra pedagógica revelam-se os modos como professores/as de um coletivo da docência universitária, do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana tecem a profissão na interface direta com a formação de professores/as para atuação na Educação Básica. | Fabrizio Oliveira da Silva |
| 2020 | Professores/as da Rede Municipal de Educação dos municípios de Salvador e Jacobina. | O que narram os/as professores/as. Experiências pedagógicas com/na Diversidade | 5 | A escrita dessa obra foi desenvolvida através do registro da memória pedagógica dos/as docentes que vivem o cotidiano da escola básica e nele se reinscrevem continuamente em uma dialógica de saberes que são constituídos pelas experiências educativas com/na diversidade. | Graziela Ninck Dias Menezes, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios, Leandro Gileno Militão Nascimento |
| 2021 | Docentes de onze territórios de identidade do Estado da Bahia. | O que narram professores e professoras do Ensino Fundamental sobre a Pandemia? | 6 | Documenta experiências pedagógicas de docentes construídas durante o período da pandemia da COVID-19. Os docentes foram desafiados/as a ressignificar o trabalho, a formação, a casa-escola e os modos de atuação nas diversas modalidades e níveis de ensino. | Graziela Ninck Dias Menezes, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios, Leandro Gileno Militão Nascimento, Taísa de Sousa Ferreira |

Entre o instituído e o instituinte: movimentos insurgentes narrativos na formação docente em rede

| | | | | | |
|------|--|---|---|--|--|
| 2022 | Professoras do Movimento Negro Baiano | O que narram Professoras Ativistas Negras: Narrativas de (re)existências pedagógicas. | 7 | A escrita das narrativas pedagógicas de (re)existências foi um trabalho desafiador que exigiu autoria, alteridade, compromisso, ensaiar, escrever, (re)escrever e compartilhar em um exercício constante de transgressão pedagógica como prática de liberdade. | Joana Maria Leôncio Nuñez, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios |
| 2023 | Professoras gestoras de escolas do Ensino Fundamental I, da Rede Municipal de Educação de Salvador BA. | O que narram Professoras Gestoras das Escolas da Educação Básica: experiências pedagógicas em contexto de diversidade. | 8 | A obra apresenta experiências pedagógicas das professoras gestoras que foram construídas na relação com a diversidade que atravessa o cotidiano escolar. | Leandro Gileno Militão Nascimento, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios |
| 2024 | Professoras, e professores, coordenadoras pedagógicas que atuam na Educação Básica de Salvador. | O que narram os(as) educadores(as) da Rede Municipal de Salvador? Memórias, experiências e saberes pedagógicos afrocêntricos. | 9 | Este livro é fruto da produção de narrativas de experiências pedagógicas afrocêntricas, as quais emergem das vivências de professores/as coordenadoras pedagógicas que atuam na Educação Básica de Salvador. | Taísa de Sousa Ferreira, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios |

Fonte: Elaboração própria, 2025

Cada volume da *Obra Pedagógica* construída com o CBDN representa um processo de estudo, formação, discussão, conversas, leituras e reescrituras entre pares. Aprendemos com o outro no movimento de co(n)formação, compartilhamento de afetos e, nesse processo, fomos enredados(as) pelas histórias e experiências produzidas coletivamente. É importante pontuar que essa Obra Pedagógica, em seus diferentes volumes, é utilizada no curso de Pedagogia e nas disciplinas de Mestrado, Doutorado da Universidade do Estado da Bahia; nas escolas públicas de Salvador, em seus momentos formativos; nos encontros do Coletivo Baiano de docentes narradores(as); nas Redes de formação docente, entre outros espaços. A referida Obra desvela-se em um movimento formativo instituinte e insurgente, pois configura-se a partir de “uma outra gramática que institui uma semiótica escolar que extrapola o instituído nos currículos e no sistema escolar.” (Rios, 2023, p. 6).

A criação da obra pedagógica nos levou a nos reposicionarmos e perceber o valor, a importância da experiência pedagógica para nossa formação, bem como para a educação. Conforme Suárez, a obra é “[...] um trabalho pedagógico insurgente, original e ambicioso, que reconstrói meticulosamente, em detalhes, o que das bordas vem à tona através da arte poética do escritor e da arte curatorial do Grupo, uma experiência, um saber e um discurso vital da pedagogia” (Suárez, 2022, p. 19).

Outro elemento a considerar insurgente na construção da Obra Pedagógica é o compromisso firmado entre docentes narradores(as) e o grupo de pesquisa DIVERSO como modos de pensar/agir/pesquisar a colonialidade e sua relação com a escola. Esse movimento instituinte de formação autorizou os(as) docentes narradores(as) a narrar, escrever, escutar, refletir e legitimar experiências escolares no movimento horizontal e dialógico entre docentes e pesquisadores(as) de valorização de saberes forjados no exercício da profissão que foram documentados e ganharam circulação pública. Esse compromisso articulou-se com os princípios de alteridade e horizontalidade firmados no movimento da formação em rede do CBDN.

Deste modo, Suárez (2022, p. 15-17) revela que as palavras e as histórias de professores(as) saem do silêncio ou da desconsideração e, ao serem documentadas e tornarem-se públicas, passam a participar do debate sobre educação. O trabalho desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Diverso, na formação em rede de coletivo docente, aposta na valorização, legitimação, publicização e circulação de experiências e saberes pedagógicas e, conseqüentemente, no protagonismo e na autoria docente que tomam a experiência como potencial *autocoformativo*. Além disso, reposicionam os(as) docentes como autores(as) de práticas e de formação em um território de (re)existência, criação e interpretação dos mundos pedagógicos.

Dito isto, dentre as experiências pedagógicas produzidas na *pesquisiformação* em redes de docentes narradores(as), selecionamos, para essa escrita, duas narrativas de professoras da Educação Básica da Rede Municipal de Salvador apresentadas integralmente nos volumes 5 e 9 da Coletânea. No volume 5, encontra-se a narrativa da professora-autora Pedreira, que situa a narrativa em um lugar de produção de saber ancestral e de resistência pedagógica, traduzido como um ato de enfrentamento à hegemonia do poder e do ser. A professora trilha, assim, um caminho de uma educação decolonizadora, antirracista e de valorização de raízes da cultura africana.

A narrativa da professora-autora revela que, no trabalho pedagógico, surge uma tomada de consciência da sua própria identidade profissional e racial, quando se dispõe a investir no trabalho pedagógico escolar acerca da afrobetização. Para a professora Pedreira (2022, p. 92):

[...] o afrobetizar nos dá oportunidade de alfabetizar de uma outra forma, de outro modo que saia do saberes que estão nos livros, currículos, e vai além, pensar no nosso

povo negro, nas suas histórias, valores que são conhecimentos, saberes que muitas vezes não estão nos livros e quando estão vem sempre trazendo nosso povo como escravos e em situações subalternas, de papéis de menor prestígio, etc. Afrobetizar vai de encontro a tudo isso e mostra o lado positivo na nossa gente, mostrando a força, a inteligência, a cultura, a beleza, etc.

A escolha dos mitos acontece no diálogo entre professores(as) de modo interdisciplinar, “levando em consideração os acontecimentos dentro e fora da escola”, com atenção “para o que de forte e profundo precisa ser construído e refletido pela comunidade escolar”; além do planejamento e das atividades propostas se desenvolverem em diálogos e reflexões com as crianças. Neste sentido, a docente trabalha as intersecções de gênero, etnia através de recursos didáticos variados e apropriados para as turmas do 3º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais, como por exemplo: livros, documentários, músicas, danças, brincadeiras, bonecas, diário, instalação artístico-literária.

Sobre o trabalho desenvolvido, pautado no seu entendimento de afrobetizar e atenta à construção de texto, à convivência e processo de representação simbólica expressos espontaneamente pelas crianças negras, a professora alfabetizadora Pedreira (2022, p. 92-95) nos diz que:

Ao observar quais aprendizagens trazem a história selecionei junto com as crianças os temas a serem estudados. Como a história tem seu enfoque na força feminina e também no poder das águas, construí um projeto sobre Bonecas Pretas com a turma do 3º ano que tinha como objetivo oportunizar às crianças a vivência de referenciais de beleza e estética que traduzem a nossa identidade afrodescendente, buscando desenvolver atitudes de valorização e respeito mútuo, conhecendo sua ancestralidade, cultura e história. [...] Escolhi alguns títulos de literatura infantil que traziam a temática como: Pretinho, meu boneco querido, A bonequinha preta, Vida que voa, Coisa de menina, Menino brinca de boneca, O que há de África em nós, As bonecas negras de Lara. Através desses livros as crianças puderam construir atitudes de aceitação e estima positiva de si mesma, refletir sobre comportamentos racistas e machistas, conheceram diversos tipos de bonecas pretas dos mais variados materiais e características. [...] Assim foi propiciado a desconstrução deste objeto tão presente no dia a dia das crianças. [...] pude observar como os brinquedos com diversos biotipos contribuem para o processo de representatividade tão necessário no imaginário infantil. Realizei a exibição do documentário *Parece comigo* de Kelly Cristina Spinelli que aborda a temática da falta de bonecas negras no mercado brasileiro e o impacto disso na vida das crianças. Com a leitura do livro *Vida que voa*, estudamos juntos a boneca Abayomi que é um símbolo de tradição, resistência e poder das mulheres africanas que foram trazidas à força do seu país de origem para viver como pessoas escravizadas aqui no Brasil [...]

A narrativa da professora-autora Pedreira tensiona o currículo instituído no campo das práticas e da formação de professores(as) da Educação Básica, anunciando alternativas às padronizações, às normatizações, às verticalizações e às perspectivas neoliberais presentes na educação baiana. Salienta Pedreira (2022, p. 95) :

[...]Todo esse trabalho para mim foi revelador porque me mostrou que preciso pensar para além de um currículo eurocêntrico que dita o que o professor deve fazer, e não respeita a diferença que existe na escola. Às vezes, ou quase sempre, é necessário fugir dessa concepção desse currículo e buscar outras formas de conhecimentos, de aprendizagem, outras histórias e os mitos africanos nos ensinam isso, partindo de uma história pude trabalhar tantas outras temáticas, tantas outras discussões que contribuem para a minha vida e das minhas crianças.

Por meio da narrativa documentada e posta em circulação pública, Pedreira (2022) cria a oportunidade de olhar de outro modo para o outro - crianças negras_ e, também para sua própria história como professora e mulher negra. Nesse movimento de dispor-se à experiência, o diálogo e a reflexão insurgem e se instituem modos de posicionar-se como autores(as) de práticas e saberes. Assim, a construção da autoria docente, nas obras pedagógicas, é fundante e ganha potencial auto/co/formativo no Coletivo docente a partir da reconstrução e ressignificação de saberes pedagógicos e das experiências reeditadas na escola. Particularmente, aqui traduzidos, narrativamente, pelos atos *politicopedagógicoéticos* de desobediência aos padrões eurocentrados, normatizadores do currículo e das práticas escolares, traduzidos nos trabalhos de afrobetizar crianças negras.

A narrativa de Pereira articula-se com um dos princípios do CBDN que é a busca pela construção de saberes pedagógicos cunhado na *ancestralidade* das próprias crianças da comunidade escolar a fim de *fissurar* práticas curriculares instituídas pelo sistema educacional. Nos momentos de formação, a docente revelou que “[...]ao escrever a narrativa pedagógica no coletivo, começo a perceber o potencial das experiências que venho desenvolvendo para o empoderamento das crianças pretas na escola. Assim como, vejo que produzo um tipo de saber.” (Perreira, 2022)

Ainda tratando da alfabetizar crianças negras, particularmente pelo letramento racial com turmas de 1º e do 5º ano do Ensino Fundamental anos iniciais, a professora-autora Gracileide Lobo (2024, p. 185-186) narra que: “O trabalho de desmistificar uma imagem cristalizada, imposta por séculos, associando o negro a inferioridade e subalternidade e a demonização das religiões de matriz africana, requer tato, ao dizer para o outro que determinados fatos não são como nos apresentam. Alguns(mas) desses(as) meninos e meninas, apesar da pouca idade, trazem em si, concepções distorcidas.” Nas palavras da professora-autora: “Chamo aqui de alfabetização em contexto afrocêntrico, o processo de aquisição de compreensão dos códigos linguísticos, mas também do conhecimento de mundo

e de si, tendo as práticas afrocêntricas e as literaturas pretas como mobilizadoras do processo de aprender.”

Ao focar na experiência vivida com o uso da literatura afrocêntrica, o ponto de partida da construção de conhecimento para a professora-autora é sempre as palavras manifestadas em versos, prosa, musicada, em quadrinhos, contos ou lendas. E para selecioná-las, por meio de literatura, é preciso “considerar um conjunto de reflexões em torno de modos de vida regidos por valores estéticos, religiosos, éticos e familiares, que nos proporcionam um diálogo com nossa ancestralidade.” (Lobo, 2024, p.190). A leitura de mundo converte-se, portanto, em modos de (re)existência, de compreensão de si no mundo e na sociedade em que o racismo é estrutural.

Empenhada em desenvolver experiências pedagógicas que estimulem a construção de uma identidade racial afrocentrada em seus/as estudantes, a professora-autora nos diz:

Eu busco e trago para a sala de aula contextos que não são discutidos nos livros didáticos, [...] devido à minha postura crítica. Na escola, intervenho sempre que há manifestações racistas entre os(as) estudantes, sejam elas de cunho cultural, racial ou religioso. Geralmente, abordo percepções equivocadas em rodas de conversa na sala de aula por meio de textos, visando provocar discussões reflexivas. [...] Não deixo de usar os livros didáticos, escolhidos na escola, pois participo desse momento. Eles servem de pontes para a discussão e para desconstrução de um pensamento único, que desconsidera a pluralidade. Tudo é um processo. Eu não tento convencer os(as) estudantes de absolutamente nada, eu quero reflexão, formulando e reformulando seus conceitos não a partir de mim, mas deles(as) mesmos(as).

A narrativa de Lobo anuncia não apenas episódios de sala de aula em contexto de alfabetização e letramento racial na rede municipal de Salvador, mas desvela gestos ético e decolonial, anunciados como insurgências política, epistêmica e existencial, traduzidas, narrativamente, nos movimentos e saberes pedagógicos presentes na narrativa de Pedreira (2022). As narrativas das docentes revelaram que o trabalho de alfabetizar crianças negras implica na desconstrução de estereótipos eurocentrados presentes no currículo escolar oficial e que necessita ser tensionado por outros saberes que nascem no cotidiano da sala de aula.

As narrativas também anunciaram outras pedagogias afrocentradas, cunhadas em movimentos de afrobetização e de letramento racial, a partir da experiência na escola com as turmas de Ensino Fundamental (anos iniciais). Essas pedagogias, situada em realidades e contextos educativos específicos, nos revelam o que Walsh (2013, p.29) apresenta, “como práticas, estratégias e metodologias que se entrelaçam com e se constroem tanto na resistência e oposição, como na insurgência, a afirmação, a reexistência e a re-humanização”.

Tratam-se de ações insurgentes ao propor ressignificar as estratégias do racismo estrutural presentes na sociedade através da valorização da história e cultura africanas. Uma pedagogia como ponte irreduzível entre a decolonialidade do ser, do fazer e do poder, entendida na perspectiva freiriana como metodologia imprescindível dentro de e para as lutas sociais, políticas, ontológicas e epistêmicas de libertação.

Assim, as práticas pedagógicas de alfabetização de crianças, apresentadas nas narrativas das professoras-autoras Pedreira e Lobo, revelaram-se como atos instituintes que interpelam o instituído a partir de ações como a afrobetização e o letramento racial afrocentrado, que traduzem outras formas de produção de saberes pedagógicos no cotidiano escolar.

E, por fim...

Com o intuito de descrever e apresentar alguns resultados da *pesquisaformação* desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Diverso, trouxemos nesse artigo o lugar ocupado pela narrativa pedagógica na construção de outras formas de produção de saberes instituintes na formação docente em rede.

Demos ênfase ao processo de narrar as experiências pedagógicas como potencial auto/co/conformativo, sobretudo, porque o trabalho realizado com o CBDN tem nos desvelado escritas que se configuram como narrativas de resistências no cotidiano escolar. Através das narrativas, os(as) docentes foram capazes de compreender o lugar da prática educativa no movimento de produção de experiências instituintes. A narrativa, nesse sentido, se revelou como um poderoso instrumento de construção de saberes, ressignificando a relação entre escola e universidade.

O estudo revelou que o CBDB utiliza as narrativas como um *espaçotempo* de produção de outras pedagogias que convocam a reflexão sobre as confluências de saberes, em constante reinvenção. A *pesquisaformação* colocou em centralidade os princípios que regem a constituição da formação em rede, entre eles: ancestralidade, horizontalidade, dialogicidade e alteridade. A partir dessa abordagem, a formação docente em rede se mostrou como uma poderosa ferramenta de resistência e de reconfiguração das relações pedagógicas, permitindo que as experiências pedagógicas se conectem em uma rede de saberes instituintes compartilhados.

Referências

- ARGNANI, Augustina. **Narrativa docente, formación social y desarrollo profesional docente.** Documentación narrativa de experiencias pedagógicas y redes de docentes narradores. 184f. Tesis de Maestría en educación pedagogías críticas y problemáticas socioeducativas. Universidade de Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, 2014.
- CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michael. **Pesquisa Narrativa:** experiências e histórias na pesquisa qualitativa. Tradução grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.
- DÁVILA, Paula V. **Escribir e interpretar la experiencia docente:** la documentación narrativa de prácticas pedagógicas. 183f. Tesis de maestría en educación pedagogías críticas y problemáticas socioeducativas. Universidade de Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, 2014.
- LINHARES, Célia. Experiências instituintes na educação pública? Alguns porquês dessa busca. **Revista de Educação Pública.** Cuiabá. v. 16. n. 31. p. 139-160. Maio.-ago. 2007.
- LOBO, Gracileide dos Santos. Educação em perspectiva afrocêntrica: ousos da literatura preta para a construção da aprendizagem e do letramento identitário In: FERREIRA, Taisa de Sousa; RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco (Orgs). **O que narram os/as professores da rede municipal de Salvador?** Memórias, experiências e saberes afrocêntricos vol. 9 São Carlos: João & Pedro Editores, 2024. p.183-196
- MORAES, Joelson de Sousa. Poéticas da existência em narrativas outras de vida, experiência e pesquisa formação. In: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza Bragança; MOTTA, Thais da Costa ;NETO, Itamar Zuqueto Serra [Orgs.] **Caminhos de pesquisa formação:** abordagens narrativas e (auto)biográficas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p.30-42
- OLIVEIRA, Adelson Dias de; RIOS Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas: saberes docentes do Ensino Médio rural a partir da realidade da escola. In: **Revista de Educación de la Universidad de Málaga.** 1 (3), 230-249. 2020
- PEDREIRA, Catarina Roberta Lima. O trabalho com mitos africanos: outras possibilidades da afrobetizar. In: RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco; MENESES, Graziela Ninck Dias; NASCIMENTO, Leandro Gileno Militão. **O que narram os/as professores/as? Experiências Pedagógicas com/na diversidade,** vol. 5. São Carlos: João & Pedro Editores, 2022. p.91-96
- RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. Narrativas de (re)existências pedagógicas na educação básica: escritas transgressoras de docentes a partir da escola. **Revista Horizontes.** 41(1), e023011. <https://doi.org/10.24933/horizontes.v41i1.1644>
- RIOS, Jane A. V. Pacheco. Narrativa de Experiências Pedagógicas: territórios de (re)existências em formação. **Rutas de formación:** prácticas y experiencias, v. 11, 2020, p. 15-24.
- RIOS, Jane A. V. Pacheco (Org.). **Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas:** por outros movimentos insubmissos da formação docente na Educação Básica. Coleção Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas. vol. 1. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco; NASCIMENTO, Leandro Gileno Militão. Coletivo de docentes narradores(as): o tecer das redes de investigação-formação na escola. **Revista da FAEEBA – Ed. e Contemporânea.**, Salvador, v. 31, n. 66, p. 88-102, abr./jun. 2022.

SANTOS, Antonio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023.

SUÁREZ, Daniel H. Comentarios de lectura en conversación con una obra pedagógica. In: RIOS, J. A. V. P. (org). **Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas:** por outros movimentos insubmissos da formação docente na Educação Básica. São Carlos: Pedro & João, 2022. p. 9-20. v. 1.

SUÁREZ, Daniel H.; DÁVILA, P.; ARGNANI, A.; CARESSA, Y. **Documentación narrativa de experiencias pedagógicas:** una propuesta de investigación-formación-acción entre docentes. Buenos Aires: Editora FILO/UBA, 2021. (Colección Cuadernos del Instituto de Investigación de Ciencias de la Educación, n. 6).

SUÁREZ, Daniel H. Relatar la experiencia docente. La documentación Narrativa del mundo escolar. **Revista Teias**, v. 18, n50, 2017 (jul/Set).

WALSH, Catherine. **Pedagogias Decoloniales.** Práticas insurgentes de resistir, (re)existir e reviver. Tomo I. Série Pensamiento decolonial, 2013.

Notas

ⁱ Trata-se de um coletivo oriundo do trabalho desenvolvido com a *pesquisa formação* na escola criado em 2018 a partir do Projeto de Extensão do Observatório da Profissão Docente, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Diverso, como parte da *Pesquisa Profissão Docente na Educação Básica da Bahia*. O Coletivo Baiano de Docentes Narradores(as) é composto por professores(as), coordenadores(as), gestores(as) da Educação Básica e pesquisadores(as) de universidades públicas baianas. Ele está vinculado, também, à Rede FORMAD - Rede de Formação Docente: narrativas e experiências.

ⁱⁱ Grafamos *pesquisa formação* juntas e em itálico para ressaltar a relação indissociável entre os termos, considerando que a pesquisa é formativa para quem pesquisa e para quem colabora com o processo. Tal escolha conflui com o pensar de Nilda Alves (2007, p. 5), ao asseverar que esse modo de escrita passa pela “busca de superação das marcas que em nós estão, devido a formação que tivemos dentro de um modo hegemônico de pensar, representado pela ciência moderna, na qual um dos movimentos principais é a dicotomização desses termos como “pares”, mas opondo-se entre si”. De modo igual, justificamos o emprego desta forma de grafia em outra expressão no corpo do texto.

Sobre os Autores

Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios

Doutorado em Educação (UFBA). Pós-Doutorado em Educação (USP). Pós-Doutorado em Ciências da Educação (UBA) . Professora Titular Plena da Universidade do Estado da Bahia-UNEB. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Editora da Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade. Líder do Grupo de Pesquisa DIVERSO - Docência, Narrativas e Diversidade na Educação Básica. Pesquisadora do Coletivo Pesquisa em rede - Experiências instituintes de formação docente: diálogos latino-americanos (UNICAMP). Coordenadora da Rede de Formação Docente: Narrativas e Experiências - (Rede Formad/ Brasil), vinculada a Red de Formación Docente y Narrativa (Argentina) e a Red de maestros y maestras, educadores y educadoras que hacen

investigación e innovación desde sua escola y comunidad. E-mail: jrios@uneb.br; Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1827-3966>

Leandro Gileno Militão Nascimento

Doutor e Mestre em Educação (UNEB). Especialista em Alfabetização (UEFS) e Gestão de Instituição Pública (IFBA). Pesquisador do Grupo DIVERSO -Docência, Narrativa e Diversidade na Educação Básica. Coordenador da Rede Formação Docente: Narrativas e Experiências- Rede FORMAD, vinculada a Red de Formación Docente y Narrativa (Argentina). Coordenador do Coletivo Baiano de Docentes Narradores/as. Integrante do Coletivo Pesquisa em rede - Experiências instituintes de formação docente: diálogos latino-americanos (UNICAMP). Coordenador Pedagógico na Gerência Regional de Educação - Secretaria Municipal de Educação - SMED, Salvador/BA. E-mail: leognascimento@gmail.com; Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1820-2148>

Maria Helena da Silva Reis Santos

Doutoranda e Mestre em Educação (UNEB). Doutorado Sanduíche no Exterior/PDSE/CAPES (UBA). Especialista em Metodologia do Ensino Superior e em Gramática do texto (UNIFACS). Membro do Grupo de Pesquisa DIVERSO DIVERSO -Docência, Narrativa e Diversidade na Educação Básica. Membro da Rede Formação Docente: Narrativas e Experiências- Rede FORMAD, vinculada a Red de Formación Docente y Narrativa (Argentina). Integrante do Coletivo Baiano de Docentes Narradores/as. Integrante do Coletivo Pesquisa em rede - Experiências instituintes de formação docente: diálogos latino-americanos (UNICAMP). E-mail: mariahelenareisantos@gmail.com; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1790-989X>

Recebido em: 21/07/2025

Aceito para publicação em: 12/09/2025